

Norbert Elias por ele mesmo

Tradução:
André Telles



Publicado em 1990 sob o título
Norbert Elias über sich selbst
por Suhrkamp Verlag, de Frankfurt, Alemanha,
incluindo os textos: “Entrevista biográfica de Norbert Elias”,
por A.J. Heerma van Voss e A. Van Stolk,
e “Notas biográficas”, por Norbert Elias

© 1990 Norbert Elias Stichting
© 1990 Entrevista biográfica,
A.J. van Voss e A. van Stolk

Copyright da edição em língua portuguesa © 2001:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0808
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Carol Sá e Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E41n Elias, Norbert, 1897-1990
Norbert Elias por ele mesmo / Norbert
Elias; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro:
Zahar, 2001.

Tradução de: Norbert Elias über sich selbst
ISBN: 85-7110-597-9

1. Elias, Norbert, 1897-1990 – Entrevistas.
2. Historiadores – Alemanha – Biografia. I.
Título.

01-0288

CDD: 907.202
CDU: 92(ELIAS, N.)

Entrevista biográfica com Norbert Elias

por A.J. Heerma van Voss e A. van Stolk

Norbert Elias foi interrogado com frequência sobre seu pensamento, mas raramente sobre sua vida – assunto que, é verdade, o preocupava bem menos. Suas *Notas biográficas* (publicadas neste volume) dizem respeito mais especificamente ao seu desenvolvimento intelectual. Alfred Weber e Karl Mannheim, sociólogos da época de Weimar, aparecem ali como personagens principais de um relato que é mais um ensaio do que uma autobiografia: a primeira parte intitula-se “Sobre o que aprendi”.

O que viveu, Elias contou ao longo de sete entrevistas que fizemos em 1984, transcritas em cerca de vinte horas de gravação. Três dessas entrevistas foram feitas em Bielefeld, em seu gabinete do Centro de Pesquisas Interdisciplinares (ZIF), as outras quatro em seu apartamento, na parte sul de Amsterdã.

O ZIF, um anexo da universidade, se situa na periferia de Bielefeld, nos arredores da floresta de Teutoburg; é um conjunto de prédios modernos, bastante calmo, concebido como local de residência e trabalho para estudiosos das mais diversas disciplinas. A atmosfera reinante no apartamento de Elias era acentuada pelo acúmulo de papéis impressos e manuscritos, pastas, cartas, jornais. Nos sete dias da semana, iniciava sua jornada às onze horas da manhã; às duas, chegava seu assistente (ou sua assistente), um estudante preparando seu doutorado, que trabalhava com ele até dez horas da noite. Elias ditava textos, corrigia as diferentes versões e cuidava de sua correspondência; às vezes o assistente tinha dificuldades em acompanhá-lo, e às vezes ele fazia longas pausas. O trabalho só era interrompido por um passeio e pelo jantar – sempre no “Grego”, no prédio colado à universidade.

Em Amsterdã, o tempo era empregado do mesmo modo, e, *mutatis mutandis*, assim deve ter sido até a morte de Norbert Elias, o parque

Vondel substituindo a floresta de Teutoburg e uma pizzaria fazendo as vezes do “Grego”. Lá, a casa era mais agradável, sobretudo depois que a coleção de arte africana e a biblioteca chegaram de Leicester, onde Elias não vivia há muito tempo, mas onde seus móveis e pertences haviam permanecido.

A vida de Elias em nada lembrava a de um homem de idade: mesmo quando não estava trabalhando, era movido por uma espécie de atividade febril. Escrevia poemas, que foram em grande parte publicados mais tarde, acompanhava a atualidade contemporânea graças ao *Herald Tribune* e às informações da BBC, nadava, viajava e interessava-se bastante pela vida de seus amigos. Só bem mais tarde foi obrigado a limitar o leque de suas atividades: era o tributo que devia pagar à sua idade avançada.

Elias deixou-se convencer pelo projeto de uma entrevista biográfica detalhada e deu provas de maior resistência que seus interlocutores, ambos de menos idade que ele.

As conversas se deram em inglês. Elias pesava as palavras, pronunciava-as com energia e de maneira expressiva. “Minha memória ainda é bastante boa, disse, embora eu já viva há tempo demais. O desejo de me recordar talvez tenha se acentuado nos anos recentes. Imagens e semblantes surgem de um passado obscuro e, às vezes, chegam a ligar-se a nomes. Mas grande parte de minha vida concentrou-se em meu trabalho.”

Começamos por Breslau, que faz parte da Polônia há algumas dezenas de anos e hoje se chama Wrocław.

– *O senhor se lembra de algum período de sua vida em que não estivesse trabalhando?*

– ... Não.

– *Quando começou a trabalhar, com que idade? Na escola?*

– Preparando-me para ir para a escola, é. Eu era filho único, e pegava todas as doenças infantis que uma criança pode pegar. Daí meus pais me acharem muito frágil para entrar diretamente no curso preparatório. Lembro muito bem que eles me arranjavam aulas particulares por intermédio do diretor de minha escola. Foi nessa época que comecei a trabalhar.

– *Com seis ou sete anos, portanto.*

– É, possivelmente, mas não me lembro do momento preciso. Também comecei a ler muito cedo, mergulhava em todo tipo de livro. Nessa época eu também devia ter seis ou sete anos.

– *O fato de o trabalho ter se tornado tão importante para o senhor foi, a seu ver, resultado de uma opção pessoal?*

– ... Nunca acho que se possa dizer que determinada atividade seja resultado de uma opção pessoal. Meu pai trabalhava muito, e minha mãe não. Embora... isso não seja rigorosamente exato. Ela trabalhava, claro, quando tínhamos convidados. Trabalhava muito duro para preparar essas recepções. De resto, era a melhor mãe que se possa imaginar, uma mulher completa, de bem com a vida.

– *O senhor nasceu no dia 22 de junho de 1897, em Breslau. Quanto tempo viveu lá?*

– Até meu serviço militar, quer dizer, até 1915. Passei direto da escola para o serviço militar. Quando a guerra terminou, voltei para casa.

– *O senhor portanto viveu os primeiros dezoito anos de sua vida em Breslau. Poderia nos descrever o universo no qual vivia?*

– Sim... Era um prédio de dois andares com diversos apartamentos – o nosso tinha sete ou oito cômodos, acho, ou talvez apenas seis, não sei mais. O prédio ficava na esquina de uma rua; as janelas de frente e a entrada principal davam para o antigo fosso da cidade – do qual fizeram um canal, como em outras cidades alemãs. Havia transformado as antigas fortificações em um parque com árvores espalhadas e

bancos, onde as crianças iam brincar. Assim, em frente à casa, tínhamos uma vista muito bonita, muito peculiar, e no inverno – todos os invernos, que me lembre – a água dos fossos congelava e as pessoas patinavam. Era essa a vista movimentada que tínhamos, e, às vezes, eu também ia patinar no gelo. As outras janelas davam para uma ruela que fazia parte de um bairro mais pobre.

Nunca vou esquecer os filhos da zeladora que morava no porão. A gente descia lá embaixo, em um pequeno apartamento, e era lá que viviam as crianças com as quais eu costumava brincar: uma menina e um menino que andavam descalços no verão. Lembro-me perfeitamente de tudo isso: essa espécie de pobreza que ao mesmo tempo não era muito pobre. Acho que para uma zeladora ela era muito mal paga, mas moravam de graça, no porão, com uma janela e um pequeno jardim.

– *As pessoas que iam passear nas muralhas eram ricas?*

– Não, encontrávamos todo tipo de gente. Como posso dizer?, não era o melhor bairro habitado pelas classes médias de Breslau. Mas era bastante burguês, talvez por causa das grandes dimensões dos cômodos, em todo caso aposentos onde se podiam organizar saraus ou receber visitas. Tínhamos um salão reservado para visitas – um dos aposentos onde as amigas de minha mãe se encontravam para tomar chá ou café.

Não, as pessoas que encontrávamos no parque eram bem diferentes umas das outras. Viam-se muitas crianças levadas por governantas, e eu também ia bastante, para brincar de bambolê ou outros jogos com as demais crianças.

– *Era uma cidade rica?*

– Sim, Breslau era uma cidade opulenta, cercada por uma região agrícola riquíssima – os famosos domínios da Silésia, cujos proprietários eram em sua maioria nobres. A nobreza católica silesiana estava instalada em toda a região, e a própria cidade era antiga, com sua esplêndida prefeitura de estilo Renascença e uma antiga universidade jesuíta. Era de fato uma região de cultura tradicional.

– *Ela fazia parte da Polônia?*

– Na Idade Média, sim. Na verdade as coisas não eram vistas assim naquela época. A Silésia pertencia a uma dinastia polonesa em parte

germanizada, depois tornou-se austríaca, até que Frederico o Grande a conquistasse para a Prússia. No século XVII, enquanto a Alemanha estava sendo em grande parte devastada pelas guerras, Breslau foi uma das raras cidades a conseguir se livrar dos bandos de salteadores. E foi nessa época que surgiu o essencial da literatura alemã, em Breslau. Enquanto o resto do país era devastado por tropas de soldados em campanha, pelos suecos, pelos exércitos imperiais e assim por diante, Breslau permaneceu relativamente preservada. Tem portanto uma longa história.

– *Quantos habitantes tinha a cidade por volta de 1900?*

– Na época em que eu morava lá, devia contar com quinhentos mil habitantes.

– *Era uma cidade bonita?*

– Em parte, no centro. Sobretudo a prefeitura, que se ergue no meio de uma grande praça chamada o *Ring*. Em volta dela toda, havia grandes prédios, um dos quais pertencia a meu pai – era um prédio de escritórios que dava para duas ruas ao mesmo tempo; na verdade, havia dois prédios, situados exatamente no centro da cidade, Ring 16, lembro disso ainda hoje, o endereço exato era: Ring 16.

Era lá que meu pai tinha sua empresa. Era do ramo têxtil, como muitos judeus. Começara provavelmente em 1880 ou 1885 e foi adiante com o crescimento econômico na Alemanha. Uma espécie de manufatura, sendo o trabalho feito essencialmente a mão, e as máquinas pouco numerosas. Havia talvez trinta pessoas, alfaiates também, que fabricavam roupas para os atacadistas.

– *Pela atmosfera, Breslau podia ser considerada uma cidade alemã?*

– Completamente alemã. Não tinha absolutamente nada de polônês. Mais ao sul, na Silésia, chegava-se a uma região com a população mais misturada – por exemplo, a que se chama hoje Katowice, em alemão Kattowitz. Era a Alta Silésia, onde vivia uma população um pouco misturada. Mas Breslau era totalmente alemã – lá não havia poloneses, e os poloneses que moravam lá eram completamente germanizados. Nunca ouvi pronunciarem uma palavra de polônês.

– *Sua família estava radicada há muito tempo em Breslau? De onde vieram seus pais?*

– Eles faziam parte do movimento migratório judeu. Ou, mais exatamente, meu pai provinha de uma cidade de província que fazia parte da Alemanha na época: Posen, que hoje se chama Poznan. Uma cidade de tamanho relativamente modesto, habitada provavelmente em grande parte por judeus. Mas, já naquela época, ele havia feito os estudos secundários em um liceu alemão.

Acho que ele se ressentia profundamente de não ter feito estudos universitários porque sua família não tinha dinheiro suficiente. Eis por que teimava em transferir essa ambição para o filho; ele teria amado ter estudado medicina, e foi assim que me inscrevi em medicina, a princípio por causa dele. É preciso dizer que eu era filho único; ele transferia para mim tudo o que não conseguira obter.

– *Seu pai era alemão?*

– Oh sim! bastante... bastante prussiano. Sentia-se totalmente alemão e nada além disso. Seus pais e seus avós, cujos retratos enfeitavam as paredes da casa, e cuja perda fora muito difícil para mim, também eram alemães, mas de uma região situada um pouco mais a leste. Os pais de minha mãe também eram alemães, mas ainda se lembravam da maneira que viviam seus próprios pais na Polônia.

– *A vida cultural de Breslau era movimentada, era uma cidade com vida?*

– Uma cidade com vida? Com certeza. A vida cultural lá era bastante movimentada, mas eu a conhecia sobretudo através da tradicional sociedade judaica. Quero dizer com isso que os judeus constituíam uma camada autônoma e estruturada da burguesia, a qual, no inverno, freqüentava com naturalidade os chamados “concertos de orquestra”. Minha mãe fazia assinatura a cada inverno; ela também ia ao Teatro Lobe. Eram coisas que se devia fazer.

No que me diz respeito, porém, eu só tinha uma coisa na cabeça: sair dali o mais rápido possível.

– *Por quê?*

– Eu... Não estou mesmo conseguindo me lembrar. Com meu vocabulário de hoje, diria que achava a atmosfera muito burguesa; mas não teria dito isso dessa maneira na época. Vejam, minha mãe tinha seu círculo de amigas, todas oriundas do mesmo meio, que vinham toda semana. Muitas delas eram mais ricas que nós. E depois, havia minhas

tias – aquilo não era do meu feitio. Mas eu não teria usado o termo “burguês”; pois não tinha opiniões políticas.

– *O termo “burguês” também tem uma significação emocional. Esse universo era muito tacanho para o senhor?*

– Tenho a vaga sensação de que era inferior a meu nível intelectual.

– *Quando essa sensação se desenvolveu?*

– Isso deve ter acontecido bem cedo. Creio que bem cedo me dei conta de que as coisas que minhas tias contavam não passavam de vulgar tagarelice.

– *E os amigos de seu pai?*

– Meu pai não tinha amigos. Ele se realizava acima de tudo em seu trabalho. Com 50 anos, deixou os negócios; tinha dinheiro suficiente e passou a se dedicar a funções honoríficas. Só conheci um amigo dele, um advogado. Todas as relações sociais passavam por minha mãe.

– *Ele se ocupava muito com isso?*

– Também acho que ele havia atingido um alto grau de sublimação, de sublimação no trabalho. E quando ele se retirou dos negócios, ainda tinha imóveis para administrar, fora de suas atividades honoríficas. Isso era muito importante para ele, e para sua família também, claro, minha mãe e eu.

– *O senhor era filho único.*

– Filho único, sim... Ultimamente, fico às vezes surpreso com a semelhança entre a maneira com que costumo refletir, sentado numa cadeira, e a imagem que guardo de meu pai: sentado, refletindo. Essa imagem de meu pai, sentado, permaneceu vivíssima em minha memória. Quando eu era criança, provavelmente devia me perguntar: o que ele faz exatamente? Quando era bem pequeno, provavelmente não conseguia entendê-lo.

– *Ele olhava pela janela?*

– Não, ficava sentado lá, simplesmente, e refletia... Portanto é possível que tenha olhado pela janela, mas em todo caso não é essa a atitude de que me lembro. Em minha lembrança, ele está sentado no sofá e reflete sobre algo ou está mergulhado em seus pensamentos.

Em ambos os casos, estava sentado dessa maneira, indicador sobre o nariz.

– *O senhor sabe sobre o que ele refletia?*

– Não, provavelmente sobre seus negócios – mas não falava disso com frequência. Devia guardar para ele seus negócios financeiros. Isso devia ser uma tradição bem arraigada.

– *A propósito, ele lhe falava do que o preocupava?*

– Tem uma coisa de que me lembro: uma tentativa absolutamente notável de fazer minha educação sexual – é impossível imaginar uma coisa dessas hoje em dia. Era patente que considerava isso seu dever. Lembro que foi uma situação bastante embaraçosa. Fez aquilo meio a contragosto, mas com seus botões dizia ter cumprido seu dever. De certa forma, era um homem perfeitamente cômico de seus deveres.

– *Era um homem sozinho?*

– Não creio, pois meus pais formavam um casal perfeito. Era de certo modo um casal à antiga – o que se pode chamar a “diferença harmoniosa”. A própria imagem da diferença harmoniosa: ele tomava todas as decisões, mas era exatamente isso que ela esperava dele. Minha mãe era absolutamente incapaz de gerir qualquer negócio financeiro; aliás, nunca foi obrigada a fazê-lo. Por outro lado, era quem se encarregava de todos os compromissos sociais. Quando era preciso fazer uma visita, ela dava o sinal de partida dizendo: “Vamos.” Não, não acho que ele tenha sido solitário.

– *Ocorreu-lhe perguntar a seus pais por que eles não tiveram mais filhos?*

– Não se falava dessas coisas.

– *E o senhor não era curioso?*

– Não se falava do que aludisse a sexo – se excetuarmos essa tentativa de fazer minha educação sexual.

– *Nunca lamentou não ter tido irmãos e irmãs?*

– Não que eu saiba. Todavia, ainda mantenho a convicção de que é bom que as crianças não cresçam do jeito que cresci, e suponho que isso queira dizer que teria adorado ter irmãos e irmãs, mesmo que tal desejo tenha permanecido inconsciente. Mas havia também as babás.

– *O senhor portanto tinha companhia. Lembra-se delas?*

– Lembro, mas são personagens um pouco fluidas. É preciso dizer que houve um certo número delas. Quando ainda era bem pequeno, tive uma ama-de-leite e depois uma babá que era bem gentil. A última que tive eu devia ter onze ou doze anos. Depois, entregaram-me a uma senhora cultíssima, membro de uma excelente família, mas que passara por adversidades financeiras.

– *O senhor se considerava, quando jovem, integrante de um conjunto mais amplo?*

– Nossa família constituía um grupo bem numeroso quando eu era criança: mãe, pai, cozinheira, babá, eu. Eis o grupo do qual eu fazia parte. E depois havia também os tios e as tias, e a avó – evidentemente, os pais de minha mãe também faziam parte. Íamos vê-los quase todos os dias: moravam não longe de nós. É por essa razão que havíamos escolhido como domicílio essa casa, a fim de que minha mãe pudesse visitar seus pais com mais comodidade. Eis portanto o grupo, uma família extensa, é verdade.

– *E o senhor se considerava um membro da comunidade judaica ou da cidade em seu conjunto?*

– Perdoem, mas isso supõe um nível de consciência que com certeza eu não tinha na época. As coisas talvez fossem assim, mas não com tal nível de consciência.

É claro que eu fazia parte de Breslau, isso é ponto pacífico. O pertencimento ao país também era irrefutável. Sabia que havia o imperador, mas para mim era apenas um personagem pálido e longínquo... Sabíamos certamente que éramos alemães e judeus, e eu sabia que era alemão. Mas tudo isso, que eu me lembre, não era consciente. Eu mentiria se respondesse sim à sua pergunta.

– *O senhor se lembra disso, mas não que refletia sobre isso.*

– Exatamente. Assim era o mundo, considerava-se tudo previamente dado. Só bem mais tarde comecei a me colocar questões.

– *O senhor se sentia mais judeu ou mais alemão?*

– Desculpe, mas essa pergunta coloca um falso problema.

– *Por quê?*

– Porque essas duas coisas não estavam absolutamente em concorrência. Naturalmente eu era ambos, de maneira existencial, como se diz, de modo nenhum refletida.

– *E nunca teve a sensação de que era mais um do que outro?*

– Não. Mas sua pergunta me faz tomar consciência do momento em que tudo isso se tornou mais explícito para mim em relação à época em que eu era jovem.

– *O senhor refletiu sobre isso quando era criança?*

– Duvido muito.

– *O senhor nunca pensou no fato de que havia outras pessoas que eram alemãs, mas não judias, ou que eram judias, mas não alemãs?*

– Claro, eu sabia, já quando era bem pequeno, que as crianças do vigia com as quais eu brincava eram mais pobres e que não eram judias. Mas o mundo era feito assim. Parece-me que, graças às ciências sociais, hoje somos bem mais inclinados a explicitar tais coisas do que na época em que as ciências sociais não existiam.

– *Então nunca teve a sensação de pertencer a duas nações ou a algo do gênero?*

– Não, absolutamente. O fato de ser alemão não era questionado. Como disse, meu pai era prussiano. Usava o mesmo bigode que o imperador, e tinha um fixador de bigodes que utilizava para retorcer as pontas. Era um ser generosíssimo, totalmente desprovido de falsa rigidez, mas certamente se considerava um prussiano ou um alemão, e eis por que isso era uma coisa que não constituía um problema para mim.

– *Os judeus de Breslau tinham a impressão de serem como todos os outros, ou às vezes tinham a impressão de serem melhores alemães?*

– Sentiam-se alemães, e isso, do meu ponto de vista atual, era claro para eles; aquilo era natural. Mas nutriam verdadeiro ódio em relação aos anti-semitas. Era seu mecanismo de defesa: aquelas pessoas não mereciam nem que se falasse delas; em todo caso, é a lembrança que tenho da atitude deles. O fato de que fossem alemães não era problema para eles – *eram* alemães. Simplesmente rejeitavam-se aqueles que contestavam essa qualidade como pessoas não-civilizadas que não valia a pena levar a sério.